

Quando a seda brilhou, na pompa da festa,
disse à lagarta que lhe dera a existência: Não te
conheço, larva mesquinha.

*

Quando a pérola fulgiu, soberana, exigiu da
ostra em que se criara: Não te abeires de mim.

*

Quando o arco-íris se reconheceu admirado pelo
pintor, acusou o Sol de que se fizera: Não me
roubes a luz.

*

Copiando esses contra-sensos figurados da na-
tureza, o homem insensato, quando erguido ao
pedestal do orgulho pelos abusos da inteligência,
costuma escarnecer de si próprio, afirmando jac-
tancioso: A vida é poeira e nada, e Deus é ilusão.

74

Contra-sensos

*Reunião pública de 17-11-61.
1.º Parte — Cap. I — Item 2.*

Quando a gota se viu semelhante a uma gema
valiosa, na folhagem da primavera, insultou o rio
em que se formara: Sai da frente, monstro do chão.

*

Quando o tronco se agigantou diante do fir-
mamento, blasfemou contra a própria raiz: Não me
sujes os pés.

*

Quando o vaso passou pela cerâmica em que
nascera, gritou, revoltado: Não suporto essa lama.

*

Quando o ouro se ajustou ao palácio, indagou
da terra que o produzira: Que fazes aí, barro
escuro?

*

